



## **ENCONTRO DO PADRE GERAL ADOLFO NICOLÁS COM OS NOVIÇOS PORTUGUESES**

*Cernache | 2 de Junho de 2014*

O que diria eu aos noviços? Vocês começam um caminho longo... Não tenham pressa para nada! As coisas importantes tomam o seu tempo. Há muitas coisas para aprender... A primeira é entender as pessoas: a vida de família, a vida de trabalho, a sociedade – daí a filosofia. E a teologia, mais tarde, vem para que vejam as necessidades pastorais das pessoas. Aliás, hoje procuramos que as nossas faculdades façam os cursos mais práticos e integrados com a nossa missão, porque os nossos estudos são para a missão – não para nós; são um instrumento para servir os demais.

Outra coisa fundamental a aprender é o gosto de servir. Se encontrarem gosto a servir, será uma alegria – porque a vossa vida vai ser passada a servir, seja os pobres, os alunos, companheiros jesuítas. Se encontrem gosto a servir, serão felizes. A nossa vocação é para servir, com paz e tranquilidade.

Há que morrer para nós mesmos. Há uns tempos perguntaram ao Papa Francisco: “Que dificuldades encontra no Vaticano?”. Ele respondeu: “A primeira dificuldade sou eu.” Creio que tem razão! Quando eu me faço muito grande não entram os outros: só há espaço para o meu nome, o meu prestígio, a minha fama, tudo o que é meu! O noviciado são dois anos por isso... são um tempo de descentramento. Uma



criança centra tudo em si – e tem de ser assim, porque a sua vontade é sobreviver, defender-se, procurar que os outros a apoiem. Está bem para uma criança, não para um adulto que quer dar o seu contributo na sociedade – sobretudo para alguém que quer seguir Cristo.

O “eu” tem de ir sendo eliminado a pouco a pouco. Se não, trará grande dificuldades. As grandes dificuldades que tive como Provincial do Japão foram com pessoas mais preocupadas consigo do que com a missão e o serviço aos outros. Recomendo que procurem que Deus vos faça cada vez mais pequenos. Não se pode eliminar tudo de vez – há manias, preocupações enraizadas. Há que reduzir a pouco e pouco, com paciência, maturando... e isto toma tempo. Verifiquei, com a aprendizagem de línguas, com a maturação psicológica e espiritual, que o melhor toma tempo e faz-se com vagar. Quando alguém me diz: “Tive uma experiência que me mudou completamente” não acredito. Nada me muda assim completamente. Pode mudar o olhar, como a Santo Inácio ou São Paulo. Se lerem os Actos dos Apóstolos com calma, vêem que muda a visão e fala da luz. Os companheiros ouvem a voz mas não vêem. E São Paulo fica cego... o importante é ver! É um homem que vive de dentro e busca as respostas de dentro – isto é muito jesuítico, muito inaciano. O caminho espiritual leva tempo... com espaço e profundidade.

Não se preocupem que os professores ou o vosso Mestre de Noviços vos digam tudo. É impossível dizê-lo. Mas sim que vos comuniquem o método – é o mais importante. E depois seguem vocês... A mim interessava-me teologia pastoral e não sabia nada de antropologia – então fui ler livros de antropologia. Depois não sabia nada de sociologia e precisava – e pus-me a ler livros de sociologia. Nunca esperem receber a informação toda. Se receberem um bom método é a melhor ajuda.

Quando me elegeram para ficar em Roma, em 2008, ao princípio perguntava-me como ia ser. Fui ler os clássicos: voltei a ler Inácio, Francisco Xavier, Francisco de Assis, João da Cruz – os clássicos da espiritualidade. A sua grande preocupação é a



distracção. Não as distrações na oração, mas as da vida. Muitas vezes não vemos o que Deus faz no mundo, o que o Espírito nos está a dizer... estamos distraídos. As distrações são o que nos faz mais dano! Somos bons, basicamente bons, mas distraídos.

Descobri uma canção de Facundo Cabral chamada “Não estão deprimidos, estão distraídos”. Se alguém está deprimido porque as coisas não estão bem, então está é distraído! Deus criou um mundo belíssimo: vejam os jardins, as flores... E a dada altura a canção diz: “bendita pobreza, bendita a fome que me mantém desperto, porque assim não me distraio”. Isto é muito profundo... às vezes andamos à procura de outras coisas...

Se procuramos o que realmente importa, nada nos fará mal. Porque o que realmente importa é servir aos outros. Se querem ser felizes como religiosos, esqueçam-se de vocês e encontrem a felicidade em servir. E Deus vos acompanhará toda a vida. Aí está a nossa felicidade: dar aos outros o que temos vivido.

Outras coisas que digo aos escolásticos é que a Igreja precisa de três coisas de nós. A primeira é profundidade – porque estamos num mundo superficial e a Igreja está condenada a também ser superficial. O Papa está a tentar orientar o mundo para uma maior profundidade. Por exemplo, a forma como vem tratando o tema da misericórdia. O cardeal de Chicago diz que na sociedade moderna tudo está permitido, mas nada se perdoa. Isto é uma grande verdade. Tudo se vende – pornografia, egoísmo, mentiras, cenas politiqueras – mas nada se perdoa. É por isso que o mundo está entusiasmado com o Papa, pelo seu constante apelo à misericórdia. Muitos me dizem: “Tens de convencer o Papa a ir ao Japão”. E eu digo que no Japão há muito poucos cristãos... são uma minoria. E respondem-me “Mas não é pelos cristãos! É pelos não cristãos! O Papa está a dizer o que é importante – e isso entende qualquer um”. Por isso há tantos anos de formação... é



paciência e é busca de profundidade. E isto é uma forma de serviço da Companhia ao mundo.

A segunda, sobretudo na Igreja mais pastoral, é a criatividade. Vamos a um mundo que não conhecemos. Hoje não são perguntas antigas feitas de outra maneira – são perguntas novas! E as respostas antigas não servem. Há que ser criativo para acompanhar pessoas.

A terceira é a vida no Espírito. Santo Inácio dizia que os meios que nos unem a Deus são mais eficazes e importantes do que os que nos unem aos homens ou à ciência. Se não estamos afinados com o espírito, vamos perder muito de disponibilidade, de servir, de aprofundar, de ver mais além. As pessoas buscam! Em Tóquio havia um grupo de leigos que todos os domingos iam à missa e depois se juntavam numa sala onde se toma um chá muito simples e avaliavam a homilia. E eram muito exigentes! Não era se a homilia era boa ou má – mas se estava bem preparada, ou mal. E como são japoneses, e nos interpretam bem, pensavam que, não estando bem preparada, se calhar a meio da noite o padre saiu de casa para ir ao hospital dar a santa unção a alguém muito doente... mas que, apesar de desorganizada, falou do coração, a partir da sua fé. Não os enganemos. As pessoas ouvem não só a música, mas também a letra. Vêem se é música só racional ou também do espírito. Se é racional, o coração não vibra. Se é espiritual, percebem que vem da experiência. O papa prepara-se para as homilias. É a partir da oração, do que vive. É muito simples. Não procura coisas muito elaboradas...

Por isso, o noviciado não é perder tempo. É uma aprendizagem.